

Apresentação Geral do Livro
"Desafios para Moçambique, 2011"

por

Carlos Nuno Castel-Branco

20-04-2011

Permitam-me que comece por saudar e agradecer a todos pela vossa disponibilidade e interesse em participarem no lançamento do oitavo livro produzido pelo IESE nos últimos três anos. Muito obrigado e sejam bem-vindos. Tenho a esperança de que o livro que hoje lançamos não defraudará a vossa expectativa.

O livro "Desafios para Moçambique, 2011", que o Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE) hoje lança, é o segundo da série iniciada no ano passado com a publicação da edição de 2010 deste livro. Ao lançar a edição 2011 desta série, o IESE cumpre, assim, o compromisso assumido de anualmente publicar uma colectânea de artigos de investigação que contribuam para o debate académico e público sobre desafios do desenvolvimento económico, político e social de Moçambique. A publicação desta série pretende ser um contributo do IESE para as reflexões e os debates sobre o presente e o futuro de Moçambique.

A série é intitulada *Desafios para Moçambique* por várias razões. Por um lado, traz uma colectânea de reflexões sobre desafios nas esferas política, económica, social e internacional. Estes desafios e reflexões são construídos problematizando e discutindo, em cada um dos temas, as dinâmicas políticas, sociais e económicas que dominam ou se interligam em cada assunto analisado, e o que é que a análise dessas dinâmicas sugere serem os desafios de política pública e de mobilização, organização e participação política dos cidadãos para a construção do País democrático e progressista com que esses cidadãos anseiam.

Portanto, os desafios discutidos nesta série são para Moçambique e para os cidadãos de Moçambique na sua totalidade, e não apenas para o governo, ou para os académicos, ou para as organizações sociais, ou para os trabalhadores, ou para os empresários. O desafio de pensar, discutir aberta e frontalmente e com fundamentação, avançar pontos de vista fundamentados na vida prática e na análise mais rigorosa; o desafio de não cruzar os braços perante obstáculos e dificuldades e de não se deixar dominar pela complexidade, dificuldade ou risco associado com os problemas ou com as suas

soluções; o desafio de questionar o presente (as práticas, os modos de pensar e a interpretação do estado de coisas) pensando e acreditando em diferentes futuros possíveis; o desafio de identificar desafios, definir o que é prioritário, procurar caminhos novos; o desafio de fazer tudo isto de forma inclusiva, democrática e pluralista, enfrentando as opções e contradições, por vezes antagónicas, entre os interesses económicos, políticos e sociais que inevitavelmente se estruturam e confrontam no processo de produção, apropriação e utilização do excedente e de construção da consciência e da prática social; estes e outros desafios pertencem a todos os cidadãos de Moçambique e são desafios permanentes.

Por outro lado, a identificação de desafios reflecte escolhas, e estas reflectem pressões, interesses, aspirações, debates e conflitos sociais, económicos e políticos. Portanto, as escolhas dos temas tratados neste livro (e em todos os livros da série que venham a seguir) reflectem essas tensões e procura de abordagens que ajudem a mais claramente discutir e escolher opções de políticas públicas e sociais. Identificar os temas é, em si, um desafio e, como tal, uma parte fundamental do debate sobre interpretações da realidade, prioridades, opções e direcções. Nenhuma escolha de desafios de desenvolvimento é neutra relativamente quer às pressões económicas e sociais concretas, quer aos interesses económicos e sociais que, invariavelmente, estão associados a tais pressões e, frequentemente, estão em conflito entre si, quer às abordagens teóricas adoptadas. A implicação imediata deste ponto é que não há nenhuma razão para estarmos todos de acordo nem com os desafios identificados, nem com a forma como tais desafios são tratados. Nem tão pouco é intenção do IESE gerar um tal consenso impossível e desnecessário. O que pretendemos é ajudar a formar a agenda do debate e ajudar a informar esse debate, tornando-o cada vez mais útil para a prática de cidadania activa em Moçambique.

À semelhança da edição anterior e das que se seguirão, o “Desafios para Moçambique, 2011”, cuja produção foi coordenada pelo Conselho Científico do IESE, está organizado em quatro partes fundamentais: política, economia, sociedade e Moçambique no Mundo.

O livro contém quinze artigos, dos quais quatro são focados na construção do Estado, descentralização e processos eleitorais; cinco discutem a problemática da mobilização de recursos domésticos e financiamento da economia; dois abordam protecção social e pobreza; um analisa políticas públicas sobre HIV-SIDA no contexto de dinâmicas socioculturais em Moçambique; e três ocupam-se com aspectos do quadro internacional dos desafios para Moçambique nomeadamente segurança regional, economias emergentes e economia política da ajuda externa.

Os artigos foram elaborados por dezoito investigadores, dos quais dezassete são moçambicanos. Doze investigadores são parte da equipa nuclear permanente do IESE, três são da Universidade Eduardo Mondlane e os restantes três são peritos em questões de Estado, administração pública e administração local trabalhando nas Nações Unidas, na Universidade de Witwatersrand (África do Sul), no Michelsen Institute, CMI (Noruega), e na Cooperação Suíça. Dos dezoito investigadores, dez são economistas com especialidades em economia política, política económica, industrialização, finanças públicas, sistemas financeiros, investimento privado, demografia e análise de emprego e pobreza; e os restantes oito são sociólogos, historiadores, antropólogos, cientistas políticos e juristas investigando uma grande variedade de áreas de trabalho. Nove têm graus de doutoramento em diferentes áreas de investigação social, quatro são mestres e cinco são jovens licenciados.

Logo, o livro é multidisciplinar, na medida em que integra diferentes disciplinas científicas e analisa um amplo leque de questões de desenvolvimento e de política pública de diferentes ângulos académicos. Mas também é interdisciplinar, no sentido em que alguns dos seus artigos se rebelam contra, violam e ultrapassam as tradicionais barreiras disciplinares para formarem abordagens unitárias de ciência sociais construídas em torno de análises de economia política.

O livro também reflecte a abordagem e a prática do IESE de promover jovens investigadores e o interesse pela investigação social entre os jovens. Assim, seis dos dezoito autores dos artigos deste livro têm menos de 30 anos de idade, e a mais nova das autoras tem apenas 21 anos.

Os artigos deste livro não necessariamente seguem abordagens, paradigmas, leituras e metodologias comuns, nem os autores estão necessariamente de acordo uns com os outros, sendo que estas diferenças e tensões não são mais que o reflexo do mosaico em que Moçambique se reconstrói todos os dias. A riqueza desta contínua reconstrução e o direito inalienável a essa diferença, contradição e debate crítico e livre dos paradigmas e ideias resultam da prática de cidadania e temperam e forjam essa mesma cidadania no dia-a-dia. O desafio seguinte será tornar o debate tão abrangente, inclusivo, pluralista, multi e interdisciplinar, heterodoxo, inovador e útil quanto o possível. Este é um dos papéis fundamentais dos intelectuais e investigadores na luta pela conquista, construção e exercício da cidadania em Moçambique.

Para contribuir para a generalização do acesso ao conhecimento e informação e ao debate de opções analíticas e de políticas públicas, o IESE usa e vai continuar a usar, entre outros, dois métodos

essenciais. Por um lado, cerca de 40% da tiragem de cada uma das nossas publicações é distribuída gratuitamente a universidades e centros de investigação, organizações sociais, instituições públicas, parlamentares, bibliotecas, administrações locais e órgãos de comunicação social. Tanto quanto o possível, o IESE tenta atingir as províncias onde a rede de livrarias comerciais não chega, garantindo a distribuição dirigida, e frequentemente gratuita, das suas publicações. Deste modo, embora ainda estejamos muito longe de atingir os níveis de cobertura desejados, podemos garantir o acesso às publicações a cada vez mais instituições e indivíduos interessados. Por outro lado, à semelhança do que foi feito em 2010, também este ano o IESE irá fazer o lançamento do “Desafios para Moçambique” em várias províncias do País, organizando, para o efeito, seminários para debate dos temas tratados no livro em várias províncias onde isto seja possível. Nas livrarias comerciais, os livros do IESE são vendidos a preços subsidiados, pois para garantir que o preço de venda na livraria não exceda o custo de produção do livro o IESE acaba subsidiando cada livro em cerca de 30%.

A sustentabilidade destas políticas do IESE depende, obviamente, da capacidade de mobilizar recursos e apoios financeiros e logísticos. Aproveito esta ocasião para saudar os financiadores programáticos do IESE, sem os quais não poderíamos sustentar a política de distribuição social dos livros. No caso específico da série “Desafios para Moçambique”, gostaria de saudar em especial o MASC e o PNUD que, adquirindo parte substancial da tiragem da série para distribuição ampla no País e ajudando com a logística dos seminários provinciais, dão um contributo decisivo para sustentar este esforço de ampla divulgação e debate do conhecimento, da informação e dos desafios para Moçambique.

Envolvendo uma larga rede de investigadores e analistas na produção deste livro, é intenção do IESE ajudar a enriquecer as redes de investigação e reflexão colaborativa em Moçambique. Estas redes são o produto mais duradouro da investigação e, talvez, o seu resultado fundamental. Mas são, igualmente, uma das dinâmicas mais difíceis de construir, pois a fragmentação académica, o instinto de competição e o receio de cooperação têm que ser substituídos pela organização, instinto e desejo de cooperar, bem como pela consciência de que a cooperação é mais vantajosa para todos do que a competição sem sentido. No que diz respeito a este ponto somos todos aprendizes, embora estejamos a dar passos em frente, como o exemplifica a produção deste livro.

Apesar da variedade de conteúdos e abordagens reflectidos neste livro, *"existe um fio condutor que liga o conjunto dos artigos: o desafio da construção de um Estado democrático. Naturalmente, o entendimento do que significa 'um Estado democrático' abre o campo para muitas posições diferentes*

e a identificação desse fio condutor não significa que sobre o assunto exista no livro uma linha de pensamento e de análise única, partilhada por todos os autores. Pelo contrário, estamos perante uma diversidade de pressupostos teóricos, de abordagens e de metodologias de análise que, sobretudo, contribuem para alimentar um debate aberto e plural sobre as escolhas e opções que caracterizam as políticas públicas e que dependem dos interesses, por vezes contraditórios, que são inerentes à vida social". (citado da Introdução ao livro, da autoria de Luís de Brito, pp. 19-20). Assim, enquanto alguns artigos se ocupam fundamentalmente com o processo, formas e instituições de representação política democrática, outros artigos estão focados nas opções de política económica e social e na sua relação com processos económicos e sociais de acumulação e reprodução social. O desafio é como construir abordagens de economia política em que o político, o social e o económico são unificados.

A construção de um Estado democrático não é apenas acerca do direito e oportunidade de todos exprimirem os seus interesses, aspirações e pontos de vista, ainda que este direito e oportunidade sejam fundamentais, pois a questão não se limita a pontos de vista e ideias diferentes. Isto é, a construção de um Estado democrático não é apenas uma questão intelectual ou de direitos políticos individuais básicos. A construção de um Estado democrático incorpora a disputa do poder de influência sobre as opções económicas e sociais, que reflecte conflitos de interesses, por vezes contraditórios, em volta da organização da produção, da apropriação e da utilização do excedente em condições historicamente específicas de acumulação capitalista e reprodução social. Assim, é improvável que haja soluções standardizadas sobre a questão da construção do Estado democrático que estejam fora das condições historicamente específicas em que os diferentes interesses se constroem, revelam e confrontam.

Não poderia terminar a minha apresentação sem manifestar o mais sincero e profundo agradecimento do IESE a todos os que tornaram este livro possível, nomeadamente os autores dos artigos, os organizadores da edição, os indivíduos ou instituições que forneceram informação para a elaboração dos artigos, os que coordenaram e fizeram a revisão, maquetização e impressão, os que organizaram a logística necessária para produzir e transportar o livro e para organizar este evento, os que se ocuparam e vão continuar a ocupar com a comunicação das mensagens do livro, e, naturalmente, os financiadores de todo este processo, nomeadamente as Embaixadas da Finlândia, da Dinamarca e da Noruega, o DFID, a Cooperação Suíça e a Cooperação Irlandesa e, através do projecto relacionado com a iniciativa de transparência da indústria extractiva, o Centro de Integridade Pública. A todos, muito obrigado com a esperança que este livro seja um bom retorno no vosso esforço e dedicação. Muito obrigado.